

A CHARGE NO JORNAL CHARLIE HEBDO

THE CHARGE OF THE NEWSPAPER CHARLIE HEBDO

Rafaela Francisco¹

Rachel Hoffmann²

Resumo

As charges normalmente ganham repercussão por seus temas polêmicos, humor crítico e por conter a imagem de personalidades conhecidas. Nossa pesquisa analisa as charges do jornal Charlie Hebdo, alvo de um ataque terrorista islâmico em 2015. Em nosso trabalho, abordamos a linguagem daquelas, caracterizada por ser constituída de elementos visuais e verbais. Paralelamente, também analisamos o discurso chágico a partir dos conceitos de polifonia, dialogismo e carnavalização, desenvolvidos por Bakthin (1993, 2005). Além disso, investigamos também a teoria da semiótica por Peirce juntamente com a de Gestalt. Chegamos à conclusão de que as charges do jornal são dialógicas, mas não polifônicas. O processo de carnavalização proposto pelo Charlie Hebdo em seu site não se mantém, pois sua visão não é totalmente ambivalente. As charges podem ser interpretadas através da semiótica e a comunicação entre imagem e leitor pode ser facilitada através das leis de Gestalt.

Palavras-chave: charge; Charlie Hebdo; caricatura; semiótica; gestalt.

Abstract

The cartoons usually gain repercussion for their controversial themes, critical humor and contain the image of known personalities. Our research analyzes the cartoons of the Charlie Hebdo newspaper, the target of an Islamic terrorist attack in 2015. In our work, we approach the language of those, characterized by being made up of visual and verbal elements. At the same time, we also analyze chronological discourse based on the concepts of polyphony, dialogism and carnivalization, developed by Bakthin (1993, 2005). In addition, we also analyze Peirce's theory of semiotics and Gestalt theory together. We came to the conclusion that newspaper cartoons are dialogical, but not polyphonic. The process of carnivalization proposed by Charlie Hebdo on his website does not hold, because his vision is not totally ambivalent. Cartoons can be interpreted through semiotics and communication between image and reader can be facilitated through the laws of Gestalt.

Keywords: cartoon; Charlie Hebdo; caricature; semiotics; gestalt.

¹ Bacharel em Design, União das Escolas do Gupo FAIMI de Educação, rafaelafrancisco2009@gmail.com

² Doutora em Letras, União das Escolas do Grupo FAIMI de Educação, rachel.hoffmann@gmail.com

1. Introdução

Esse artigo é constituído por uma análise de duas charges do jornal Charlie Hebdo. Para as interpretarmos, estudamos o processo de criação desse tipo de texto desde a elaboração da linguagem verbal até a linguagem não-verbal. A junção dessas duas linguagens se faz de maneira a criar um discurso em que estão presentes a sátira, humor, a caricatura e a mensagem crítica que se vai transmitir para seus leitores. Por isso, dividimos o artigo em três partes.

Na primeira parte do nosso trabalho, buscamos esclarecer o que é charge, os elementos que a compõem e a maneira pela qual a linguagem verbal e a visual transmitem diferentes sentidos. Ainda nessa seção, discutimos os conceitos de polifonia, dialogismo e carnavalização, os quais são utilizados nas análises dos textos escolhidos.

No segundo momento de nosso trabalho, discutimos outras duas teorias: a semiótica de Charles Sanders Peirce e os estudos de Gestalt. Explicaremos essas duas linhas de pensamento, as quais serão utilizadas na terceira divisão do trabalho para analisarmos as charges.

Por fim, nessa terceira divisão do trabalho, realizamos a leitura das charges escolhidas, à luz das informações reunidas nas outras partes do artigo.

As duas charges que analisamos são conhecidas por grande parte da imprensa mundial. A primeira faz uma sátira aos conflitos na Síria e traz a figura caricata de Maomé. Essa personagem aparece fazendo referência à lei da Sharia, a qual prevê golpes de chibatadas para aqueles que desrespeitarem os postulados do Islã. A segunda tem como tema o atentado terrorista que o jornal Charlie Hebdo sofreu em 2015 e representa novamente a figura de um Maomé caricato, que carrega uma placa, onde está escrito “Tudo foi perdoado”, uma referência tanto ao fato de que morrer pela religião é um acontecimento louvado por alguns muçulmanos, quanto ao evento que matou alguns dos cartunistas do jornal francês.

Chegamos à conclusão de que as charges do jornal Charlie Hebdo são dialógicas, mas não são polifônicas. Ou seja, nelas se realiza o cruzar de vozes diferentes, mas essas não têm o mesmo valor. A linha editorial do jornal e a visão europeia sobre a cultura islâmica se sobrepõem à tentativa de manutenção de sentidos diferentes nas imagens.

Por outro lado, há a tentativa de se criar uma visão carnavalesca naqueles textos, pois, neles, se verifica a junção entre o sagrado e o profano, o sério e o cômico, o espiritual e o corriqueiro. Apesar disso, novamente, a vertente do jornal se impõe, não mantendo a dualidade característica do carnaval.

Outra conclusão que chegamos são que as charges podem ser analisadas através da semiótica, pois ela é uma junção de dois signos. A linguagem visual e a linguagem verbal são os representantes, que produzem o objeto, a charge. E ela é analisada pela mente do leitor, utilizando o interpretante. Além disso, concluímos que a caricatura é signo icônico, que tem elementos simbólicos para sua interpretação, como a ilustração da túnica e a barba espessa da personagem focalizada. A linguagem verbal faz parte da relação do signo com o interpretante, pois interpretamos a charge também pela leitura do texto. Sobre as cores utilizadas, podemos dizer que cada uma tem um Qualissigno, e forma um Sinssigno.

Por fim, aplicamos a teoria de Gestalt para analisarmos e interpretarmos a composição dos elementos da charge. Percebemos a maneira que o cartunista fez a leitura dela, a forma com que se posicionou, o contraste das cores e a visibilidade da ilustração e escrita. Compreendemos que a maneira em que enxergamos a charge é similar, mas a forma que decodificamos a imagem vai depender de cada mente. Além disso, alguns critérios podem

influência essa análise como a cultura, o conhecimento próprio e os costumes.

Observamos ainda que os traços das caricaturas são, nas charges do jornal Charlie Hebdo, elementos que permitem não só o reconhecimento das imagens representadas, como indicam um rebaixamento das figuras ali desenhadas. Como se tratam de figuras sagradas para alguns grupos, sua representação pode ser considerada ofensiva para eles. Além disso, verificamos o uso do humor ao abordar temas considerados traumáticos, como a morte em atentados ou o ato de se sacrificar a vida em prol da religião.

2. A Linguagem da Charge

Ao tentarmos definir charge, podemos dizer que se trata de uma arte feita da junção de dois signos: um ligado à linguagem visual e outro, à verbal (BARBOSA, 2003, p.74). A ilustração compõe a parte visual da charge, na qual se representam os personagens, o local onde estão inseridos e o contexto em que estão sendo abordados. Algumas charges apresentam a contraparte escrita, podendo narrar uma história, mostrar o diálogo dos personagens e suas expressões; mas ela não é obrigatória.

A charge pode ser definida como um “desenho humorístico veiculado pela imprensa que comporta uma crítica de maneira satírica, em geral, um acontecimento político” (LANDOWSKI, 1995, p. 1). A sátira é uma maneira de o autor expressar uma informação ou notícia que envolva o contexto atual da sociedade. Por isso, encontramos na charge assuntos relacionados à conduta humana perante a vida, sendo que seu autor tem a liberdade de expressar, através de um desenho satírico, uma opinião crítica sobre variados assuntos.

A linguagem não-verbal na charge auxilia o processo de interpretação do leitor enquanto os elementos verbais levam a charge a construir valores históricos e sociais (FERREIRA, 2011, p.74). Normalmente, as charges são textos com um humor crítico que exigem do leitor que faça uma relação entre a ilustração e o texto escrito.

A linguagem verbal da charge se caracteriza por apresentar dois elementos, um deles, segundo Edson Romualdo (apud BARBOSA, 2003, p.74), é a intertextualidade. A intertextualidade pode ser entendida pela relação entre dois textos ou imagens, suas características semelhantes e contrárias, e a forma pela qual as duas se relacionam. Alguns jornais interligam os textos veiculados na mídia, falas de políticos e matérias com as charges publicadas naquela edição (BARBOSA, 2003, p.74). A charge explicita o fato de que alguns textos apresentam diferentes vozes que não se convergem, impedido que eles tenham apenas uma interpretação. Ou seja, além de intertextualidade, outra característica que a charge pode apresentar é polifonia.

A polifonia foi conceituada por Bakhtin em 1981. Entende-se polifonia, “poli” (muitos) e “fonia” (relativo ao som, voz), como a presença de diferentes pontos de vista em um único texto, ou seja, trata-se da multiplicidade de vozes que são encontradas em textos que, por sua vez, estão relacionados a outros.

Na verdade, a diferença entre polifonia e intertextualidade não é clara para todos os estudiosos, pois, tendo sido conceituado por Bakhtin em Problemas da poética de Dostoiévski, o primeiro termo foi desenvolvido e revisto por Kristeva em Semiótica do romance. O que essa autora fez foi rebatizar o termo “polifonia”, chamá-lo de “intertextualidade” e ampliá-lo. Bakhtin utilizou o termo “polifonia” pela primeira vez para se referir à natureza do romance Crime e castigo de Dostoiévski. Ele acreditava que o autor russo teria criado em sua obra uma nova forma de romance em que as vozes das personagens tinham valores iguais. Explica-se: no romance tradicional ou monológico, a voz do narrador se sobrepõe a das personagens, o que

não acontece no romance de Dostoiévski. Na história desse escritor, as personagens têm consciências equipolentes, ou seja, de mesmo valor, de modo que o significado total do romance não se resume a uma visão de mundo apenas, mas fique aberto a outras interpretações.

Kristeva, em *Semiótica do romance*, aproveita o termo criado por Bakhtin e redefine-o, compreendendo que “todo texto é um mosaico de citações”. Para isso, além de se pautar no conceito de polifonia, ela ainda faz uso do conceito de dialogismo, desenvolvido pelo mesmo estudioso. O dialogismo refere-se a dois fatos principais: o primeiro é o de que, para construir seu enunciado, um interlocutor leva em consideração o discurso dos outros, apropriando-se desse. O segundo é o de que, muitas vezes, o emissor denuncia que incorpora o discurso dos outros no seu, fazendo uso de algumas marcações como as aspas, a negação, a ironia e a paródia.

Como defende Fiorin (2008, p. 24), ao estudar a obra de Bakhtin, todo enunciado é dialógico, pois ele sempre será uma réplica a algo que já foi dito. Ou seja, “[no enunciado] ouvem-se sempre ao menos duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no discurso, estão aí presentes” (FIORIN, 2008, p. 24). Essas vozes, no entanto, podem ser marcadas no discurso, usando os recursos a que nos referimos anteriormente, ou constituírem apenas sentenças às quais damos nossa resposta quando falamos.

Com relação à teoria de Bakhtin e a sua contribuição para o estudo da charge, convém que falemos ainda a respeito de outro conceito desenvolvido pelo teórico russo. Esse conceito é o de “carnavalização”. O termo “carnavalização” é utilizado principalmente no livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento - O contexto de François Habelais*. Nessa obra, Bakhtin, ao estudar os textos de Habelais, defende que neles se explora uma visão de mundo diferente da oficial.

Bakhtin parte da ideia de que no carnaval se vive uma vida festiva em que se representa um “mundo ao revés”. O estudioso relaciona esse “mundo ao revés” ao funcionamento da paródia medieval, em que, pela sua natureza ambivalente, os contrários convivem. Nessa paródia, o vivo e o morto, o elogio e a injúria e o alto e o baixo dividem o mesmo espaço, pelo menos durante um período de tempo.

Quanto à questão da polifonia e do dialogismo e sua relação com a charge, sabe-se que as charges se vinculam às notícias divulgadas pelo jornal, o que já indicia seu caráter intertextual. Por outro lado, a fusão entre a linguagem verbal e não-verbal permitiu aos jornais obter grande aceitação de seu público alvo, devido à facilidade de comunicação proporcionada pelo uso de imagens visuais.

A imagem visual da charge é representada pela caricatura, que é uma linguagem não-verbal que se expressa através da ilustração singular de personagens ligados a notícias de um jornal.

A caricatura foi criada pelos irmãos Caracci, durante o Renascimento na Itália. Sua principal característica é utilização do exagero nos traços para compor a personalidade do retrato, porém o traço pode não ser considerado uma crítica, mas sim uma personificação que pode ou não provocar o riso (GAWRUSZEWSKI apud ARRIGONI, 2011, p.2063). Normalmente as caricaturas podem ser criadas com a intenção de fazer uma crítica a uma personalidade. Para avaliá-la, a caricatura utiliza da fisionomia da pessoa retratada, de forma com que seus traços e sua personalidade sejam realçados nas ilustrações, tornando-os cômicos (ARRIGONI, 2011, p. 2064). Hazlitt (apud SILVA, 2016) explica que rimos das caricaturas porque elas têm uma deformidade em suas formas que não são reais. Em outras palavras, rimos da forma encenação discursiva que elas representam.

Por meio da caricatura, o artista pode expressar uma crítica ou transmitir uma opinião acerca das atitudes ou acontecimentos que envolvem a pessoa retratada. Com isso, o autor pode proporcionar à sociedade uma conscientização por meio da caricatura, seja ela de uma pessoa, de uma empresa ou de uma instituição.

Alguns autores consideram as charges e caricaturas diferentes, mas, segundo Riani (apud ARRIGONI, 2011, p.2067), a caricatura contém um elemento chágico. As charges e as caricaturas possuem características semelhantes e podem ser consideradas humor gráfico, pois as duas utilizam-se do exagero, expressam a opinião de forma subjetiva, e utilizam o ridículo para provocar o riso. Além disso, o humor é abordado de maneira não esperada pelo leitor (RIANI apud ARRIGONI, 2011, p.2067).

A vinculação entre escrita e ilustração, portanto, pode ajudar a compreender uma charge; ao tentar lê-la, o leitor deve considerar os dois códigos complementarmente, associando-os com sua memória de forma com que receba uma orientação em relação ao sentido acionado naquele contexto específico e não em outro qualquer (FLÔRES, 2002, p.14).

Segundo Landowski (1995, p. 6), o humor também faz parte da elaboração de uma charge, mas ela não necessariamente tem a função de ser engraçada, pois pode ser abordada como uma crítica ou como uma forma de impor uma opinião.

Para Ferreira (apud D'ATHAYDE, 2010, p. 9), o humor é a forma de o autor expor a sua intenção e isso não deve ser considerado um procedimento ruim, pois é exatamente essa constituição humorística que permite demonstrar a objeção em forma de linguagem verbal e não-verbal, para que não seja às vezes silenciada por motivos políticos.

Para entendermos melhor essa relação do humor com a charge, recorremos a Silva:

Sendo a charge um gênero tipicamente similar à piada, no sentido de ser passível de provocar o riso, ela se enquadra em tal contexto, contendo também graus de risibilidade variáveis, seja na forma linguística ou em textos imagéticos que são produzidos a partir das caricaturas, principalmente por compreender uma espécie de “riso mental”, no sentido de promover uma reflexão crítica dos fatos políticos representados pelos discursos linguísticos e imagéticos. Obviamente, se há níveis diferentes de risibilidade, a resposta individual aos estímulos de humor tende também à variância (...) (SILVA, 2016, p.156).

Analisando o que a pesquisadora explica no texto acima, compreendemos que existem vários tipos de risibilidade e isso é provocado de acordo com o grau de humor que os textos linguísticos ou também os textos imagéticos podem provocar, ou seja, algumas charges podem ser mais ou menos cômicas, o que vai depender do conteúdo linguístico e das caricaturas. Além do riso, o humor provoca na mente das pessoas um raciocínio sobre aquela caricatura (um personagem com traços exagerados, simbolizando alguma característica dela), e sobre a fala do personagem (que pode ser um complemento verbal para a caricatura), a junção desses dois gera o humor. Além disso, a interpretação desses estímulos, feita pelo leitor, promove uma reflexão crítica.

A crítica de uma charge está justamente na composição desses elementos carregados de um humor, que causam uma liberdade proposital, a qual direciona a um público geral uma crítica, passível de ser compreendida por esse grupo comum. Esse humor muitas vezes é composto também pela caricatura em que se mostra a ilustração de uma pessoa, com traços livres para exageros, expressões deformadas, exaltando uma característica física ou uma personalidade dela (SILVA, 2016, p.155).

Segundo Tavares (apud D'ATHAYDE, 2010, p.23), o humor tem uma função positiva na caricatura e na charge política, pois o humor crítico torna-se fundamental para denunciar a realidade dos poderes, mostrando outro lado deles, desconhecido do leitor. Percebemos que no século XX, o humor na charge expõem os problemas presentes na sociedade, e, juntamente com a ironia, é um importante recurso para lutar contra os poderosos.

A maioria das charges jornalísticas escolhe temas políticos e assuntos polêmicos atuais, por isso o leitor precisa de uma atenção maior e também de um conhecimento prévio sobre assunto a respeito do qual elas tratam. Além disso, os dois signos, ilustração e escrita, se associam em nossa memória dando uma orientação e sentido ao seu contexto (FLÔRES, 2002, p.14). Por isso, alguns leitores não compreendem a mensagem ou a crítica que o autor realizou e fazem um mau julgamento sobre o assunto.

Nesse artigo analisamos duas charges que foram retiradas do jornal francês, Charlie Hebdo. Esse é conhecido por ilustrar assuntos referentes à política, personalidades importantes, ataques terroristas e religião. Os assuntos abordados são sempre acompanhados por humor considerado “ácido”, causando críticas ao jornal. No dia 7 janeiro de 2015, o jornal tornou-se alvo de ataque terrorista dos irmãos Kouachi, depois de várias charges do profeta Maomé serem publicadas desde o ano de 2006. O ato terrorista provocou a morte de 12 pessoas, entre eles os cartunistas Stéphane Charbonnier e o famoso Georges Wolinski (ATAQUE..., 2015)

As charges que analisaremos são conhecidas por grande da parte da imprensa mundial. A primeira a ser estudada é referente ao profeta Maomé e faz uma sátira a religião islâmica, adotada por alguns militantes envolvidos por vezes em conflitos com Síria. A segunda charge tem como tema o ataque que o jornal sofreu. Para que possamos estudar as charges selecionadas, precisamos estudar teorias para entender melhor a análise de imagem. Na segunda parte desse trabalho, estudaremos sobre semiótica e a teoria de gestalt.

2.1. Semiótica e a Teoria de Gestalt

Segundo Santaella (apud SANTOS, 2009, p.1) a palavra semiótica tem origem grega *semeion*, e significa signo. Desse modo, semiótica é a ciência do signo, logo é uma ciência que investiga qualquer tipo de linguagem e a construção de vários tipos de significação e sentido. Outro significado para palavra, segundo Greimas e Courtés (apud MENDES, 2010, p.6), é uma teoria da significação. A semiótica não estuda apenas um tipo de linguagem, mas sim abrange além da linguagem verbal, vários outros tipos como, por exemplo: a linguagem de surdo e mudo, codificação da moda, culinária, entre outros (SANTAELLA apud NIEMEYER, 2003, p.20). Portanto ela tem um papel importante organizar os códigos e transformar em comunicação e significação (NIEMEYER, 2003, p.19).

O precursor no estudo da semiótica foi o filósofo e lógico norte- americano Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), com o trabalho, *Lógica enquanto Semiótica: A Teoria dos Signos*. A teoria peirciana estuda a natureza dos signos. Para que seja um signo, representa-se algo, que é chamado objeto, pelo pensamento de uma pessoa, sendo ela o interpretante (SANTOS, 2009, p.2). O signo só representa esse “algo”, porque ele produz na mente desse intérprete outro significado (NIEMEYER, 2003, p.32).

Peirce decompôs a estrutura do signo e estabeleceu três tricotomias do signo: signo em si ou Representâmen, objeto, interpretante. A primeira tricotomia é quando o signo corresponde com ele mesmo através do suporte das significações, faz parte do processo representação, singularidade, pode ser sentido. A segunda tricotomia é a relação signo ao

objeto, que corresponde algo sendo objeto em si, ou seja, o objeto é a forma do signo ser representado. A terceira tricotomia relaciona o signo com ao seu interpretante, ou seja, quando é criado na mente um significado. O significado é criado através da leitura do observador ao signo interpretando-o em sua mente, provocando variantes ideias (NIEMEYER, 2003, p.35-39). A seguir mostraremos um esquema para explicar a tricotomia do signo:

Figura 1: Esquema dos elementos das tricotomias do signo na semiótica



Fonte: Lucy Niemeyer (2003)

O signo correspondente a ele mesmo pode ser um qualissigno, um sinssigno ou um legissigno (SANTOS, 2009, p.2). Explicando respectivamente cada um, o Qualissigno (uma qualidade que é signo), seria uma qualidade ao um determinante, podendo ser as cores, materiais, acabamento e textura. O Sinssigno pode envolver mais de um qualissigno, ele se individualiza através da forma e dimensões. E por fim Legissigno faz parte de uma lei. Para que ele exista necessita de Sinssigno anteriormente, ele se manifesta através do atendimento as normas (NIEMEYER, 2003, p.19).

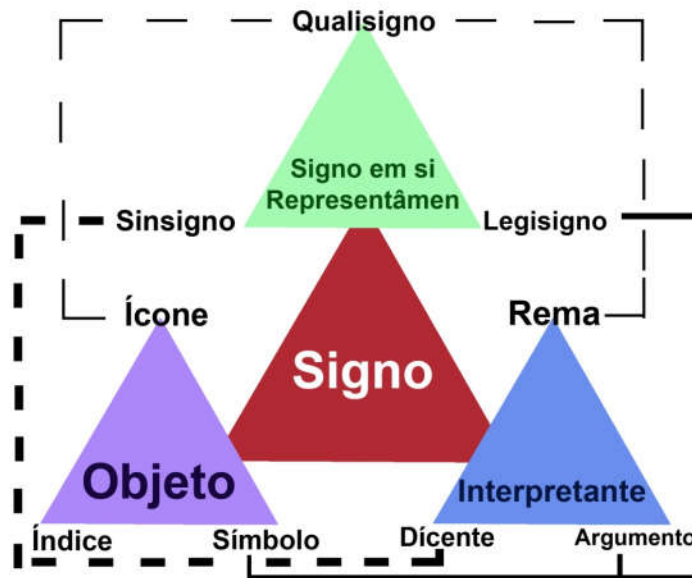
A relação do signo como seu objeto pode ser um ícone, um índice ou símbolo (SANTOS, 2009, p.2). O ícone é um signo que possui uma semelhança ao objeto representado, e faz o intérprete lembrar-se de algo, podendo ser através da analogia. O índice acontece o inverso do ícone ele aponta o objeto para fora do signo, tornando uma causalidade e não uma comparação igual o ícone (NIEMEYER, 2003, p.36). O símbolo é um signo quando tem uma denominação coletiva e associa ideias gerais para que ele seja interpretado referindo aquele objeto, por isso ele se torna uma lei, ou seja, um Legissigno (PEIRCE apud SANTOS, 2009, p.3).

E em relação à terceira tricotomia o interpretante relaciona com o signo podendo ser uma Rema, um Dícente ou um Argumento. A Rema é um signo que abrange várias possibilidades que ele pode representar ou ser, mas continua sendo uma incógnita, sem definição. O Dícente corresponde um signo ao um fato existente que envolve Remas nas descrições de fatos, e por isso ele pode ser interpretado, denotativo (Niemeyer, 2003, p.39-40). Já o Argumento é um signo que representa a justificativa, é uma lei que pode ser entendida como um representante do seu objeto, por isso ele deve ser um símbolo (PEIRCE apud SANTOS, 2009, p.3).

Relacionando os três tipos tricotomia, formam-se dez classes de signos. Portanto

forma a percepção em três níveis: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (SANTOS, 2009, p.2). A seguir mostraremos uma figura para compreensão dos três níveis de percepção:

Figura 2: Esquema da diagramação dos níveis das relações sógnicas: Primeiridade, Secundidade Terceiridade.



Fonte: Lucy Niemeyer (2003)

Aprofundado os estudos na relação do signo com o seu objeto, mas especificamente do signo como símbolo, entendemos que o símbolo produz uma imagem aplicada, e tem a função de representar alguma coisa. Desta forma o símbolo de uma imagem tem a função de trazer uma similaridade de algo. Quando a imagem vem aplicada, ela formara elementos pictóricos (personagens, objetos, animais, etc), sendo assim, pode também abranger elementos do mundo físico. Que seria na maior parte das vezes uma linguagem sincrética, na qual combina um significado icônico com o linguístico, formando vários significados (HEILBRUNN apud SANTOS, 2009, p.3).

Além disso, as imagens costumam se assemelhar com algo que elas estejam representando, imitando a realidade. Por serem semelhantes elas podem ser considerados ícones perfeitos (JOLY, p.29). Por exemplo: a caricatura é um ícone, pois ela representa a imagem de uma pessoa através da ilustração.

Levando em conta o que aprendemos com o signo em relação ao interpretante, vamos falar de outro ponto importante para analisar a imagem que é entender a intenção do autor. Esse, a princípio, necessita ter a consciência ao criar uma imagem. Por isso, devemos ficar atentos e observar atentamente quais são suas intenções. O autor também não é capaz de compreender toda a significação daquela imagem nas diferentes mentes que a viram. Por isso, cabe a ele procurar colocar pontos e referências para que seja o mais próximo das análises dos outros leitores. A imagem tem como função transmitir uma mensagem, cabe à pessoa observa-la com atenção na própria mente. Para que o próprio núcleo residual interprete aquela mensagem de acordo como momento específico e as circunstâncias dela ser criada. (JOLY, p.39-44).

Para posteriormente analisarmos as charges do nosso estudo de forma mais precisa, não estudaremos apenas a teoria da semiótica. Portanto, estudaremos agora a teoria de Gestalt para compreendermos melhor outro tipo de análise de imagem.

A teoria de Gestalt possui algumas leis básicas sendo elas: unidade, segregação, unificação, fechamento, continuidade, proximidade, semelhança e pregnância da forma (ARNHEIM apud SANTOS, 2009, p.8). As leis criadas baseiam-se na forma, portanto em Gestalt acredita que a figura deve ter maior relevância entre elementos da imagem do que seus próprios objetos.

A forma contém propriedades que se baseiam em si ou no conjunto, ou seja, ela pode ser um ponto (singular), uma linha (sucessão de pontos), um plano (sucessão de linhas), ou um volume que é sua forma mais completa. A forma abrange tudo que podemos ver, seja ela uma figura ou uma imagem na qual podemos ver seu conteúdo. Por isso, a forma demonstra aparência de algo. Existem dois fatores para que isso aconteça o objeto físico e a luz, os dois agem como transmissor de informação, para o sistema nervoso do observador, de maneira que esse conteúdo da forma seja visualizado, contendo assim uma experiência visual (AUMONT apud SANTOS, 2009, p.8).

Uma expressão visual depende de variados fatores para ser criado: desde a forma que vemos a imagem da direita para esquerda, a procura de um equilíbrio em sua composição, etc. Tudo isso proporciona uma melhor qualidade de transmissão da mensagem ao leitor. Isso tudo também ocorre ao mesmo tempo em que decodificamos os vários tipos de símbolos. Essas formas que visualizamos podem mudar dependendo de cada cultura, mas a maneira que é processada a informação sempre vai ser a mesma para todos, o que muda é a interpretação da comunicação que estamos tendo através expressão visual (SANTOS, 2009, p.9).

Em Gestalt, a leitura das imagens depende de duas forças: a interna e externa. A força externa depende da luz que o objeto está inserido externamente, pois visualizaremos o objeto se houver luz externa para que nossa retina possa enxergar-la. Em relação à força interna é originada pelo dinamismo cerebral, que seria a própria estrutura cerebral. Esses são os princípios, mas existem outras maneiras que nosso cérebro compreende melhor a leitura das imagens. A estimulação, a falta de estimulação, o espaçamento, união de intervalos, ligações, unidade linear, entre outros fatores, que analisador vai observar durante a leitura (SANTOS, 2009, p.10).

Para Aumont (apud SANTOS, 2009, p.10-11) para melhor leitura da imagem devemos destacar a forma, as bordas visuais, os objetos, a separação figura e fundo, e as estruturas regulares da forma e informação. Cada uma delas vão auxiliar a nossa visão e compreensão da figura. Pois, a separação dos elementos da imagem, os espaçamentos, o formato das formas (objetiva ou não), e a luz externa interferindo na visão da imagem, são funções que devemos ficar atentos para a interpretação.

Portanto a percepção visual engloba vários fatores que envolvem tanto o mundo físico quanto o mental. Por isso as leis de Gestalt podem nos auxiliar na leitura visual através dos signos e/ou objetos (SANTOS, 2009, p.14). Na próxima fase do trabalho vamos ver a história do jornal Charlie Hebdo, e analisar as charges com base nas teorias que abordamos.

2.1.1. O Jornal e a Análise das Charges

Inicialmente, quando foi criado o jornal *Charlie Hebdo*, ele era chamado de “Hara-Kiri”. Um das primeiras capas feitas por ele sofreu censura com a publicação da manchete “Baile Trágico em Colombey: um morto”, que ironizava duas notícias da época: um incêndio na discoteca em

Saint-Laurent-du-Pont, onde morreram mais 140 pessoas e o falecimento do general Charles de Gaulle, que foi presidente da França. A ironia aconteceu porque a imprensa da época deu mais importância à morte do ex-presidente do que a das vítimas do incêndio (REVISTA VEJA, apud CUNHA et al., 2015, p. 2-3).

Os jornalistas e cartunistas, para conseguirem publicar, mudaram o nome do jornal para *Charlie Hebdo*. Tratava-se de uma versão semanal do jornal mensal, batizado em homenagem ao Charlie Brown, uma referência a um personagem da história em quadrinho norte americana *Peanuts* (O GLOBO, apud CUNHA et al., 2015, p. 3).

O jornal nesta época continha um humor bastante ácido e apoiava o governo de esquerda do país, sendo por isso alvo de críticas desde o início. *Charlie Hebdo* continuou a sua publicação semanal até a década de 80, quando foi fechado. No entanto, em 1992, quando o jornal voltou a ser publicado, os seus primeiros exemplares chegaram a mais 120 mil cópias (CUNHA et al., 2015, p.3).

O jornal ainda hoje se utiliza do humor sátiro para expressar sua opinião crítica a temas polêmicos. Em seu site, os jornalistas o definem como:

Charlie Hebdo é um soco na boca contra aqueles que nos impedem de pensar. Contra aqueles que têm medo da imaginação. Contra aqueles que não querem se divertir. Charlie Hebdo é um jornal zangado, é um jornal que ri. É um jornal que bate, é um jornal que sonha. É um jornal que repreende é um jornal que pondera. Charlie Hebdo é um jornal que não tem nada a perder, porque depois da vida não há nada. Charlie Hebdo não precisa de Deus, não há necessidade de Wall Street, não há necessidade de ter dois carros e três telefones celulares para ser feliz. Para ser feliz, desenho Charlie Hebdo, escrita, entrevista e peças de tudo o que é risível na terra, de tudo o que é grotesco na vida. Isto é quase tudo. Porque a vida é tão curta que seria uma vergonha passar lamuriando sobre seu destino, em vez de rir uma vez por todas. (<https://charliehebdo.fr/charlie/>)

Os jornalistas do *Charlie Hebdo* fazem charges com temas atuais presentes no periódico, normalmente aqueles que têm repercussão na imprensa mundial. Essas charges são feitas para causarem um forte impacto no leitor. As charges do jornal que ganharam repercussão foram principalmente sobre a representação do islamismo. Segundo o Hadith, as leis que o islamismo segue relatam os atos que Maomé pregou e realizou. Por isso que Hadith proíbe a criação de imagens referente ao profeta (BBC, apud CUNHA et al., 2015, p.3).

Entretanto, o jornal ilustrou charges com a imagem criada do profeta Maomé, sendo representado através de caricatura. Por esse motivo, muitos grupos radicais ameaçaram atacar o jornal, por não respeitarem a lei Hadith. Algumas ameaças foram feitas ao jornal, mas foi em 2015 o caso mais grave.

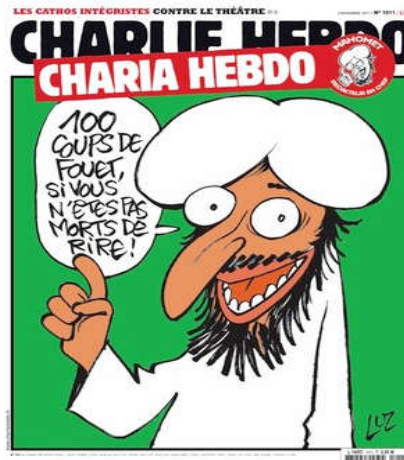
Em 7 de janeiro de 2015, o jornal *Charlie Hebdo* acabou sofrendo ataque terrorista do grupo Al Qaeda, no qual 12 pessoas morreram e 11 ficaram feridas. Entre os mortos estavam o editor, os cartunistas Stéphane Charbonnier, Jean Cabu e Bernard Verlhac e Wolinski e também o vice editor Bernard Maris, revisor Mutapha Ourad, o desenhista Phillipe Honoré e o psicanalista Elsa Cayat.

O ataque, segundo os policiais franceses, foi causado pela charge publicada do profeta Maomé pelo jornal. Segundo depoimentos, os autores gritaram “Vingamos o Profeta”, o que seria uma referência ao líder islâmico. A sede já havia sido alvo de uma bomba em 2011, após o satirizar na capa com uma imagem semelhante (ATAQUE..., 2015).

Vamos analisar a charge que foi alvo do primeiro ato de terrorismo na França em 2011.

Essa não foi a primeira charge publicada neste mesmo assunto, mas foi a que causou mais polêmica no país islâmico:

Figura 3: Charge causadora do primeiro ataque terrorista



Fonte: <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/01/bterror-em-parisb-o-ataque-revista-charlie-hebdo.html>

A charge está na capa da revista e é composta por uma caricatura do profeta Maomé, dizendo: “100 chibatadas se você não morrer de rir”. Essa charge foi realizada em um contexto em que charges com esse tipo de crítica haviam sido publicadas em outros jornais. Em 2005, um jornal dinamarquês também havia publicado caricaturas do profeta Maomé, e depois essas mesmas imagens foram colocadas em um semanário no qual se debatia a liberdade de expressão, provocando revolta a alguns fiéis. No entanto, foi no *Charlie Hebdo* que novas caricaturas geraram uma resposta por parte dos adeptos dessa religião (CUNHA et al., 2015, p.3).

Em 2011, depois da publicação da charge “100 chibatadas se você não morrer de rir”, as manifestações contrárias ao periódico passaram a ter atos violentos como um lançamento de uma bomba incendiária no prédio do jornal, no dia anterior a publicação da imagem. A charge faz referência à lei islâmica Sharia (G1, apud CUNHA et al., 2015, p.3-4). A lei Sharia é uma lei criada depois da morte do profeta Maomé, que foi desenvolvida através crença islâmica. Ela foi elaborada através de dois tipos de prefixos, os que estão ligados ao lado mais pessoal (como casamento, rituais religiosos, tradição, etc.) e os mutáveis que são aplicados de acordo a cada país ou líder político no poder. Normalmente estes prefixos estão ligados as penas por crimes. A pena para quem desafia a Sharia é a agressão física por meio de chibatadas (ENTENDA...,2011)

A charge em questão é composta por dois signos: a linguagem não-verbal, representada pela caricatura, e a linguagem verbal, encontrada no texto: “100 chibatadas se você não morrer de rir”. A linguagem não-verbal é a imagem deformada do profeta Maomé, na qual se mostra um homem, com uma túnica branca e com algumas características que lhe foram atribuídas como a barba espessa, normalmente utilizada pelos homens desta religião. Os traços do personagem foram exagerados, tornando olhos o foco, indicando expressão feliz. Ao mesmo tempo, se mostra um olho do esquerdo totalmente pintado na cor preta e o direito, um pouco mais aberto, totalmente colorido, por isso, tem-se a impressão de uma pessoa com

traços de personalidade amalucado. O nariz e o taquiah tem um tamanho maior que o normal, deixando a ilustração cômica. A linguagem visual desta charge tem a função de caracterizar o personagem e o tipo de vestimentas que usa para que o leitor consiga identificar que a caricatura é ilustração do profeta Maomé. Outro signo utilizado são as cores que a charge possui: o verde, o vermelho destacando o texto “Charia Hebdo”; o preto no contorno da caricatura e a cor da tipografia do balão, as quais são também as cores da bandeira do Afeganistão. Todas essas características são símbolos que foram codificados para que o leitor, baseado em seu conhecimento e na convenção cultural, compreendesse a mensagem da charge.

A linguagem verbal atribui o contexto para essa charge e foi escrita em um balão com a fala do personagem. A interpretação da fala do balão “100 chibatadas se você não morrer de rir”, mostra a referência entre o castigo de 100 chibatadas que são aplicadas em pessoas que cometem certos crimes no Afeganistão. A palavra “rir” é um signo do jornal, pois é a forma como ele aborda o tema utilizando do humor satírico, para mostrar uma crítica.

A linguagem verbal torna-se cômica, porque existe uma ruptura no significado da lei satirizada e isso chama a atenção do leitor. Por isso, quando a charge mostra Maomé falando que se não rimos iremos levar 100 chicotadas, esse ato de “rir” muda o significado da charge gerando a comicidade no texto. Além disso, o humor será reforçado através da caricatura e também poderá ser lido a partir dos conhecimentos que o leitor tem para interpretar essa imagem. Aqui, esse mesmo humor tem como tema um assunto espinhoso: a extrema violência dirigida àqueles que desafiam as leis afegãs. Pela mudança da “infração” causadora da pena, há o riso, gera-se o humor provocativo característico do jornal.

Verificamos a presença do dialogismo e, assim, da intertextualidade na charge, por se perceber o resgate da lei islâmica citada. Por outro lado, a carnavalização se mostra, pois existe a convivência entre aquilo que é considerado sagrado, a imagem de Moamé, e o que se considera profano ou corriqueiro, como o ato de rir. Na verdade, pode-se observar na charge um rebaixamento da figura de Maomé, pois, além de ele ser representado por mãos humanas, sua imagem é deformada, conduzindo para sua ridicularização e, assim, para o riso. O traço da caricatura é um elemento que permite ao mesmo tempo tanto o reconhecimento das feições do povo islâmico como a degradação da sua imagem e dos seus símbolos. O nariz alongado e os olhos esbugalhados fazem com o físico chame a atenção em detrimento do espiritual, o que poderia ser considerado uma afronta àquela cultura em particular.

Além disso, essa charge do jornal *Charlie Hebdo* tem outra característica carnavalesca, a liberdade de expressão. O autor utiliza da ridicularização citada anteriormente no texto, para expressar o riso, o que, segundo Bakhtin, atribui uma liberdade à obra, pois o texto selecionado não se restringe a nenhum dogma de uma sociedade (FIORIN, 2008, p. 92). Ou seja, a charge utiliza da zombaria para relatar algo sério, mas isso ocorre através de uma contradição. No caso da charge, o sério seria a imagem simbólica de Maomé e o cômico surgiria pela forma de sua caracterização caricata.

Essa charge levanta uma questão polêmica, pois se levarmos em conta que ela apresenta características carnavalescas, poderia ser considerada não ofensiva, mas sim uma forma de “brincar” ilustrando a imagem do profeta Maomé relacionando com a situação. No entanto, se pensarmos na história do jornal e nas outras charges produzidas por eles, esse texto pode sim ser considerado ofensivo ao povo islâmico, pois se desenhou uma figura sagrada para esse grupo. Além disso, essa charge não tem uma função de fazer rir, mas de criticar.

Analisando a charge através do conhecimento semiótico, observamos que ela a

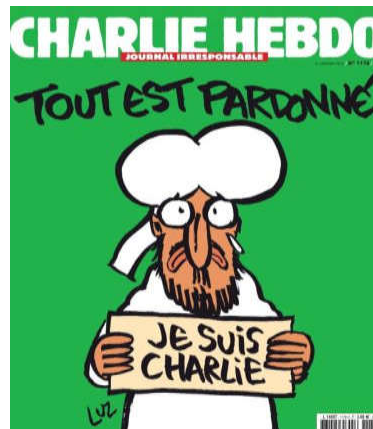
princípio possui dois signos: a linguagem verbal e a não-verbal. A linguagem verbal faz parte da relação do signo com o interpretante. Porque, ela justifica a lei Sharia, através do significado da interpretação do texto. No caso, o texto indica que se a pessoa não "rir" sofrerá a consequência de levar 100 chibatadas, ou seja, é uma referência que o autor da charge fez para que o leitor ao ler pudesse interpretar a mensagem de acordo com sua real intenção, que é de criticar a lei citada.

A linguagem não-verbal apresenta dois signos: a caricatura e as cores utilizadas. A caricatura tem relação do signo com o objeto. Ela é um signo icônico, pois o autor representa uma pessoa do mundo físico através da ilustração utilizando traços exagerados para provocar além do riso, uma identificação mais rápida da pessoa da imagem retratada. Além disso, o autor utiliza de símbolos para compreensão da caricatura que são: a ilustração da túnica branca, a barba espessa e o vestuário. Quando visualizamos a imagem fazemos uma analogia da vestimenta e da aparência do povo islâmico. Por outro lado, as cores, podemos perceber o sinssigno. Pois o autor utiliza um Qualissigno verde, vermelho e preto, para representar as cores da bandeira do Afeganistão. Portanto, observamos com essas características analisadas, o cartunista apresentou pontos de referência para que compreendêssemos a mensagem que ele queria transmitir.

A charge segue alguns princípios das leis da Gestalt, uma delas é a forma que fazemos a sua leitura. Da esquerda para direita, onde lemos o balão e em seguida centralizada está a caricatura compondo grande parte da charge, de forma que chame atenção da figura que está falando. Além disso, para fazer uma melhor leitura da charge o autor utilizou do verde contrastando com as cores da caricatura, o balão está legível e os elementos compõem a imagem sem ficar confuso em nossa mente. As maneiras que enxergamos os signos da charge são iguais, o que muda será a forma que decodificamos os símbolos presente na charge, ou seja, a interpretação de cada mente.

A segunda charge que analisaremos chama “Je suis Charlie”, “Eu sou Charlie”. Ela foi criada no período mais difícil do jornal, em homenagem às vítimas do atentado terrorista no dia 7 de janeiro de 2015. Esse atentado aconteceu como manifestação contrária às charges que envolviam a imagem do profeta Maomé, os dois autores do atentado o realizaram para auxiliar o grupo Al Qaeda do Iraque (G1, apud CUNHA et. al., 2015, p.6)

Figura 4: Charge publicada depois do atentado de 2015



Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/jornalistas-turcos-sao-condenados-por-reproduzir-charge-de-maome.html>

A charge é composta também por linguagem verbal e não-verbal. A linguagem visual mostra a caricatura do profeta Maomé, segurando uma placa escrita “Je suis Charlie”. A imagem da caricatura segue o padrão da utilizada em 2011, o mesmo tipo de vestimenta, o taqiah e os traços exagerados no nariz, olhos. Porém a diferença é na expressão do rosto do profeta, pois ao contrário do sorriso no rosto na charge anterior, neste ele demonstra um semblante triste, soltando uma lágrima do olho direito. As cores da charge mantiveram-se em referência à cor da bandeira do Afeganistão.

As expressões da caricatura transmitem a mensagem de tristeza em relação às mortes que ocorreram no atentado terrorista. Além disso, novamente o profeta Maomé foi simbolizado por meio da vestimenta, taqiah, e algumas características, como a barba espessa. O sentimento de luto e tristeza foi simbolizado com a expressão do personagem, o semblante triste, a lágrima e a boca fechada e séria. Todos esses elementos, mais a notícia sobre o atentado terrorista, faz com que o leitor codifique a charge e consiga interpretar o tema e a mensagem que o autor quis transmitir.

A linguagem verbal também está presente na charge: o texto aparece em duas situações e essa linguagem vai reforçar a mensagem e também propor novas interpretações. A primeira frase é título da manchete do jornal Charlie Hebdo “Tudo está perdoado”, este título se relaciona ao atentado terrorista que o jornal sofreu. Segundo a crença do grupo radical islâmico, a morte em prol da defesa da religião é consentida, por isso não deve ser considerado um pecado, ou seja, está perdoado matar pessoas que vão contra as suas leis.

A segunda frase, “Eu sou Charlie”, está escrita em uma placa segurada pelo profeta Maomé, como se esse fosse contra o atentado ao jornal. Além disso, a placa pode ser considerada um símbolo para as pessoas manifestarem a favor da liberdade de expressão, protestando contra o terrorismo. A frase “Eu sou Charlie” marca uma intertextualidade com as homenagens feitas por franceses que saíram às ruas com placas com essa mensagem para se manifestar contra o atentado.

Novamente verificamos algumas inversões características da cosmovisão carnavalesca. Mais uma vez, é o físico que chama atenção em detrimento ao espiritual. Além disso, a frase “Tudo está perdoado” ganha duplo sentido: não se sabe se se perdoa o ato de morrer pela religião ou o ato de morrer trabalhando na criação de imagens cômicas. Pode-se afirmar isso, pois sabemos que, no atentado, se de um lado os terroristas morreram em prol da religião, de outro, os cartunistas morreram em seu ambiente de trabalho. Verificamos aqui um embate: é preferível morrer defendendo a religião, a conduta regrada e o sério ou a imprensa, o deboche e o riso?

O duplo sentido existe. No entanto, observamos o esforço do jornal em manter a mesma linha editorial, aliada à sátira dirigida ao diferente. Apesar de os jornalistas defenderem, desse modo, o seu ponto de vista como se ele fosse óbvio ou único, seu discurso também é manipulativo no sentido de que ilustra uma visão unilateral do ocidente frente a uma cultura estrangeira. A charge de Charlie Hebdo, nesse sentido, não é polifônica; ela é monológica, pois, ao final, reforça apenas sua visão sobre os povos árabes.

Por outro lado, novamente o humor é produzido aqui a partir de um evento traumático: as mortes que ocorreram durante o ataque terrorista, o que mostra que esse procedimento não se atém a uma matéria em particular, mas possibilita com que se ria das mais variadas situações.

Novamente verificamos os tipos de signos: a linguagem verbal e não-verbal. A linguagem verbal continua tendo a relação do sino com seu interpretante, pois o texto justifica sua imagem, mas agora fazendo dois tipos de analogia ditas anteriormente. A interpretação

segue duas linhas de pensamentos: os terroristas foram perdoados em prol da religião ou os cartunistas das charges que morreram comunicando seu trabalho. Neste caso entendemos que o interpretante dependera não apenas da significação do autor. O cartunista colocou dois tipos de analogia na frase “Tudo está perdoado” e deixou em aberto para interpretação de cada mente de acordo com cada conhecimento, costumes e cultura do leitor da imagem. Enquanto a segunda frase “Eu sou Charlie” ele faz uma referência das pessoas que saíram as ruas na França para manifestar a favor do jornal Charlie Hebdo, a linguagem não-verbal é semelhante da outra charge analisada. A caricatura continua sendo um signo icônico, contendo os mesmos símbolos para descobrir que é a figura física da imagem. As cores também se assemelham utilizando Qualissigno verde, vermelho e preto formando um Sinssigno, simbolizando a bandeira do Afeganistão. Podemos perceber que o cartunista apresenta elementos como pontos de referências para comunicar ao leitor a sua mensagem através da charge.

Está charge também possui leis da teoria de Gestalt. Nela observamos a composição através de uma simetria, formada pela imagem de forma frontal ao leitor, onde a leitura é feita do eixo vertical de cima para baixo. A imagem do fundo é verde, mas torna-se preenchida pela maior parte com a caricatura, destacando-a. A leitura da linguagem verbal está legível ao leitor. Essas características disponibilizaram ao leitor uma comunicação, permitindo a interpretação.

3. Considerações Finais

Compreendemos que *Charlie Hebdo* é um jornal que busca assuntos polêmicos, seja do país de origem ou questões que envolvem o mundo. As suas charges têm como principal objetivo chocar os leitores para que eles analisem o conceito por trás de uma caricatura engraçada com alto teor crítico.

As charges que mais repercutiram no jornal foram aquelas retratando o profeta Maomé desde o ano de 2006. Essas charges ficaram famosas pela crítica aos grupos radicais islâmicos. Os criadores utilizaram imagem a Maomé, algo que não é permitido pelos adeptos da religião islâmica, para criticar certos grupos, que, em nome da religião, provocam atentados terroristas contra aqueles que desafiam suas leis.

Na época do atentado, o editor Stephane Charbonnier chegou a se manifestar sobre a liberdade de expressão. Em uma entrevista, ele disse: "Pensamos que as linhas haviam mudado e que talvez houvesse mais respeito pelo nosso trabalho de sátira, nosso direito de zombar. A liberdade de dar uma boa risada é tão importante quanto a liberdade de expressão". Para os jornalistas do *Charlie Hebdo*, as charges que eles publicam no jornal devem ser entendidas como liberdade de expressão. Eles acreditam que sua sátira provoca também o riso e é uma crítica ao seu país, a França, e a outras nações (JORNAL..., 2015).

Por outro lado, os líderes religiosos, principalmente da Igreja Católica e do Islamismo, criticam a revista por acreditarem que seus desenhos não mostram respeito pelas crenças. E também por acreditarem que há falta de ética em relação à cultura de outros países. Um ministro iraniano, Ramin Mehmanparast chegou a afirmar que seu país "condenava com firmeza os insultos contra as entidades sagradas do Islã" (RELEMBRE..., 2015).

Em nossa pesquisa analisamos o conceito de charge e explicamos a partir de que viés escolhemos analisá-las. Além disso, buscamos informações para melhor analisar a charge, com as teorias: Dialogismo, Polifonia, Semiótica, Gestalt.

Levando-se em consideração que o jornal segue essa linha editorial de utilizar humor e

a sátira de maneira “agressiva” para expressar sua crítica a diversos acontecimentos e para alertar o leitor sobre um problema, poder-se-ia pensar que no caso das charges sobre o profeta Maomé, o jornal ilustrou o problema não da religião em si, mas sim dos grupos radicais que utilizam da sua crença para criar uma sociedade apenas com bases em suas leis e que normalmente utilizam da violência para conseguir o crescimento de adeptos no Iraque e impor medo em outros países.

Depois das análises, concluímos que, apesar das caricaturas conterem elementos que provoquem polêmica e causem impacto ao leitor, acreditamos que o autor não o fez para ofender uma religião, mas sim chamar atenção para aquele assunto seguindo a linha jornalística do jornal ao qual se vincula. Acreditamos que a charge apresenta pontos de referência para compreendesse essa mensagem. O autor das charges analisadas soube comunicar ao leitor a significação dos elementos. O propósito da primeira charge “100 chibatadas se você não morrer de rir”, de acordo com nossa análise seria criticar a Lei Sharia. Enquanto a segunda charge “Je suis Charlie” critica o atentado terrorista que o jornal Charlie Hebdo sofreu, e também agradecer o povo francês pelas manifestações a favor do jornal depois do atentado.

Por outro lado, poderia haver certa ponderação do jornal no momento de se decidir se devem ou não satirizar a figura religiosa do islamismo. E mais: o jornal defende uma imagem de entidade independente, exercendo sua crítica contra tudo e contra todos. Apesar disso, no entanto, verifica-se que seu discurso está muito longe de ser neutro ou totalmente anarquista. Justifica-se essa afirmação ao verificar que, mesmo defendendo uma rebeldia geral, o jornal segue uma linha de pensamento que se alia à visão da Europa sobre os países árabes. Essa visão, na qual a perspectiva da França está inclusa, normalmente veste-se de ponderada para mascarar o desconforto frente ao diferente, principalmente em relação aos povos migrantes.

Referências

ARRIGONI, Mariana de Mello. Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum. In: III ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE IMAGEM, 2011, Londrina, **Anais do III Encontro nacional de Estudos de Imagem**, Londrina: 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arrigoni.pdf>. p.2060-2075. Acesso em: 15 out 2016.

Ataque em sede do jornal *Charlie Hebdo* em Paris deixa mortos. **G1**. 07 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>. Acesso em: 15 abr 2016.

BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** – O contexto de François Habelais. 3ed. São Paulo: Hucitec, 1993. 419p.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3ed. São Paulo: Forense Universitária, 2005. 366p.

BARBOSA, Luiz Henrique. As diferentes vozes da charge jornalística. **Mediação**, Belo Horizonte, MG, n. 3, p.73-78, 2003. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/230/227>. Acesso em: 3 out 2016.

CUNHA, Manuela Maria Patricio et al. Atentado ao Charlie Hebdo: a postura da *Folha de São Paulo* acerca da liberdade de expressão. **Revista Intercom**, Natal, p.1-15, jul, 2015. Disponível

em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1697-1.pdf>. Acesso em: 15 out 2016.

D'ATHAYDE, Elza Maria. **Entre o dizer e o não-dizer: A charge política e a relação com o silêncio**. 2010. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.p.09-107. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/107> Acesso em: 19 set. 2016.

Entenda a sharia, lei islâmica que vai ser adotada na Líbia pós-Kadhafi. **G1**. 07 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/10/entenda-sharia-lei-islamica-que-vai-ser-adotada-na-libia-pos-kadhafi.html>. Acesso em: 27 maio 2017.

FERREIRA, Renato Fonseca. A charge como ferramenta da arte-comunicação. **Revista Panorama**, Goiás, n.2, p. 74-80, nov. 2011. Disponível em: <http://seer.ucg.br/index.php/panorama/article/viewFile/1866/1166> Acesso em: 15 out, 2016.

FIORIN, José Luís. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008. 160p.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002. 88p.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. 7ed. São Paulo: Moderna, 1994. 87p.

Jornal *Charlie Hebdo* já havia sido atacado por charge de Maomé. **G1**. 07 jan. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/revista-charlie-hebdo-ja-havia-sido-atacada-por-charge-de-maome.html>. Acesso em: 15 abr 2016.

KRISTEVA, Júlia. **Semiótica do romance**. Montijo: Arcádia, 1978. 352p.

LANDOWSKI, Eric. Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges. **Revista Face**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 64-95, jul./dez. 1995.

LUCCHI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro; Mendonça, Cláudio. **Território e sociedade no mundo globalizado**, 3: ensino médio, 2.ed.280p, São Paulo : Saraiva. 2013.

PALAZZO, Carmen Lícia. As múltiplas faces do Islã. **Revista de História**, João Pessoa, p.161-176, jan./jun. 2014. Disponível em: < [file:///D:/usuario/Downloads/22242-44233-1-PB%20\(1\).pdf](file:///D:/usuario/Downloads/22242-44233-1-PB%20(1).pdf) >. Acesso em: 30 jun. 2017.

PIERRE, Héctor Luis Saint. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 23, n. 53, p.9-26, mar.2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782015000100009>. Acesso em: 30 jun. 2017.

Por que a França tem sido alvo de tantos ataques? **G1**. 16 set. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/por-que-a-franca-tem-sido-alvo-de-tantos-ataques.html>. Acesso em: 8 out 2016.

RAMOS, Elvis Christian Madureira; FIGUEIREDO, Wellington dos Santos. Terrorismo: um legado histórico e sua caracterização na plataforma midiática. **Ciência Geográfica**, Bauru: vol. XVI, p.195-216, dez-jan, 2012. Disponível em: http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI_2/agb_xvi2_versao_internet/AGB_xvi2_07.pdf: Acesso em: 18 out 2016.

SILVA, Ivam Cabral da. Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor. 2008. 144 f. **Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, Natal, p. 3-115, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14297>: Acesso em: 5 nov. 2016.

SILVA, Priscila Chantal Duarte. Estratégias de humor crítico na produção de charges políticas e contribuições para o ensino de gêneros textuais e discursivos. **Research, society and development**, v. 2, n. 2, p. 151-161, out. 2016. Disponível em: < <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/33/31>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SANTOS, Silvia Spagnol Simi dos. Semiótica e Gestalt: metodologias para análise de imagens visuais. **UNOESC Campus de Joaçaba**, p. 01-15, maio. 2009. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0177-1.pdf> >. Acesso em: 11 jan. 2018.

MENDES, Conrado Moreira. A comunicação pela. **Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas**, p. 01-15, jun. 2010. Disponível em: < https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_36/conrado_mendes.pdf >. Acesso em: 11 jan. 2018.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. 1ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2003. 80p.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. 1ed. Lisboa: Edição 70, 1993. 252p.